



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA-UEPB**  
**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE-CCBS**  
**CURSO DE ENFERMAGEM**

**BARTOLOMEU PATRICIO DE SOUZA CARVALHO**

**A MORTE E O MORRER, RENASCER: um ensaio sobre a vida**

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2018**

**BARTOLOMEU PATRICIO DE SOUZA CARVALHO**

**A MORTE E O MORRER, RENASCER: um ensaio sobre a vida.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientador: Profa. Dra. Ardigleusa Alves  
Coêlho

CAMPINA GRANDE, PB,  
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C331m Carvalho, Bartolomeu Patricio de Souza.  
A Morte e o morrer, renascer [manuscrito] : um ensaio sobre a vida / Bartolomeu Patricio de Souza Carvalho. - 2018.  
26 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2018.  
"Orientação : Profa. Dra. Ardigleusa Alves Coelho ,  
Coordenação do Curso de Enfermagem - CCBS."  
1. Morte. 2. Espiritualismo. 3. Cuidados paliativos. 4.  
Comportamento social. I. Título  
21. ed. CDD 128.5


**BARTOLOMEU PATRICIO DE SOUZA CARVALHO**

**A MORTE E O MORRER, RENASCER: um ensaio sobre a vida.**

Artigo apresentado ao Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Aprovada em: 21/10/2018.

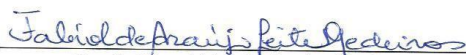
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ardigleusa Alves Coelho (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Claudia Santos Martiniano Sousa  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Fabíola de Araújo Leite  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha amada mãe e minha família que sempre fizeram o possível para que me fosse dada a educação que estava ao nosso alcance;

Ao meu pai *In Memoriam* Pedro Rodrigues de Carvalho;

Aos pacientes oncológicos que acompanhei, como voluntário em projetos e ações sociais, em sua maioria crianças, que tomei no colo e, ninei em momentos de dores alastrantes causadas pelo câncer;

Aos que pegaram o trem rumo à nova viagem e aos que ficaram e continuam sua jornada na terra;

A todos aqueles sorrisos misturados a lágrimas por me ensinarem a ser mais humano e espiritualizado;

A todas aquelas tardes de tentativas marcantes em ser melhor, em doar algo que existia e existe, morno e quase palpável, que é amor, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus mestres, em especial a minha orientadora, por trabalhar tanto por seus alunos, que por fazer tudo com amor, não lhe escapa a humanidade que muitos perdem.

Agradeço a doutrina espírita Kardecista que me acolheu como filho dos ventos que vagava sem norte.

A minha turma por termos enfrentado todas essas crises, essas greves e ainda sim continuarmos acreditando no propósito maior de nossos sonhos.

Agradeço a Sra. Janete e toda equipe de limpeza, ao Sr. Rivanildo (Seu Passarinho) e nosso querido José dos Santos (Seu Dedé).

Desde já grato pela Sra. Elisabeth Kubler Ross, por saber viver para morrer bem, logo a morte não existe, morrer é como renascer.

## **A Morte Não É Nada**

“A morte não é nada.

Eu somente passei para o outro lado do Caminho.

Eu sou eu, vocês são vocês,

O que eu era para vocês, eu continuarei sendo.

Me deem o nome que vocês sempre me deram,

falem comigo como vocês sempre fizeram.

Vocês continuam vivendo no mundo das criaturas,

eu estou vivendo no mundo do Criador.

Não utilizem um tom solene ou triste, continuem a ri

daquilo que nos fazia rir juntos.

Rezem, sorriam, pensem em mim.

Rezem por mim.

Que meu nome seja pronunciado como sempre foi, sem ênfase de nenhum tipo.

Sem nenhum traço de sombra ou tristeza.

A vida significa tudo o que ela sempre significou o fio não foi cortado.

Porque eu estaria fora de seus pensamentos, agora que estou apenas fora de  
suas vistas?

Eu não estou longe, apenas estou do outro lado do Caminho.

Você que aí ficou, siga em frente, a vida continua,  
linda e bela como sempre foi”. (Santo Agostinho)

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 DESENVOLVIMENTO	
2.1 A morte e o passar dos anos.....	10
2.2 Profissionais de saúde frente à morte e o morrer.....	12
2.3 O morrer com dignidade.....	13
2.4 A morte não existe: um olhar transcendental.....	15
2.5 Breve passagem pela oncologia.....	17
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	24



## **A MORTE E O MORRER, RENASCER: um ensaio sobre a vida.**

Bartolomeu Patricio de Souza Carvalho<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho foi construído sob uma visão de morte embasada na vida, em saber viver, uma tentativa de mostrar a morte sobre outro ângulo, sob um recomeço, não de aniquilamento, mas de continuidade, pois somos seres espirituais em uma aventura humana na terra. Percebe-se que há um despreparo dos profissionais de saúde e da sociedade sobre a morte e o morrer. A morte tem sido mal interpretada e falar sobre ela é ainda um grande tabu. Nota-se, pouco preparo dos profissionais, particularmente da saúde, nas academias para lidar com a morte. Elaborou-se um ensaio teórico com o objetivo de discorrer sobre ressignificado da morte, como uma singela tentativa de dar luz a escuridão que se tem sobre o temor da morte. Foram abordadas as seguintes dimensões: a morte e o passar dos anos, os profissionais de saúde frente à morte e o morrer, o morrer com dignidade, morte não existe: um olhar transcendental e breve passagem pela oncologia. Foi possível perceber que a morte em seu sentido doloroso existe para os que se deixam robotizar pelo capitalismo materialista. A vida continua linda e bela como sempre foi para quem sabe viver. Mas, viver em abundância significa prestar caridade ao próximo é plantar a semente de amor e do perdão para um mundo melhor, começando por cada um de nós e se ramificando pela forma de tratar os pacientes.

**Palavras chave:** Morte. Cuidados Paliativos. Espiritualismo. Comportamento social

### **INTRODUÇÃO**

Estudar a morte é de fundamental importância científica, para que se entenda o processo de morrer e luto, uma vez que a morte é uma certeza absoluta sabidamente para todos nos diversos segmentos sociais, necessita-se entendê-la, principalmente entre os profissionais de saúde.

Entender o processo de morte e luto é de importância acadêmica e não apenas social. O temor sobre falar de morte, o tabu criado sobre ela dificulta o processo de trabalho nos diversos segmentos profissionais, impedindo o elo de acolhimento e humanização no processo de morte e morrer. Para Nascimento e Roazzi (2007) falar sobre a morte ainda é vagaroso entre as ciências, sua reflexão fica sobre a lentidão do processo histórico de cada época, embasado em ensaios teóricos clássicos e, as ciências humanas ainda engatinham rumo à problemática da morte.

---

<sup>1</sup> Aluno de Graduação em Enfermagem na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I  
bartcarvalho@hotmail.com.

Na contemporaneidade lidar com a perda e a morte tem sido algo angustiante e horrível. A vida e o viver estão sendo desenhados sobre escravização do ser humano que tem a necessidade de ser produtivo, a transcendência morre, é largada e esquecida, o indivíduo volita no senso capitalista de produtividade, se vê de forma inútil, improdutivo, gera em si, pelo senso criado, uma crise no processo de morte, assim depressivo e entediado, não se entrega aos braços da plenitude diante do que viveu, não adormece com a ternura de aprender ainda no último sopro, gerando perante o morrer a ideia de aniquilamento de si mesmo (FUKUMITSU, 2018).

O capitalismo desenfreado tem gerado nas pessoas a ansiedade de servir o tempo todo, de gerar, produzir e produzir, levando os cidadãos a viverem uma vida em que o tempo no relógio passa depressa e a produção não pode parar, esse é o sentido de ser útil, de conquista. Vivemos sob um tempo que não é nosso, no tempo do capitalismo, acostumados a essa rotina de servir, o processo de morrer é mórbido, pela angústia de sentir-se não mais útil, porque na maioria dos nossos anos temos nos escravizado, então a maioria morre antes da morte lhe ninar, atrofiam-se os sentimentos e emoções (RODRIGUES, 2006; BEZERRA E NEVES, 2017).

Foram-se os dias em que víamos um ser morrer respeitosamente e calorosamente no afago de seu próprio lar. Ao avançar da ciência, o pavor e a negação a respeito da morte aumenta, um grande tabu ainda ronda o significado da morte. As crianças são metaforicamente omitidas a respeito da morte e muitas vezes afastadas do seu lar, de participar do momento de luto, resta-lhes a sensação de solidão, dificultando ainda mais neste processo de luto mal vivido (KUBLER-ROSS, 1996).

Nos dias atuais observa-se pacientes que morrem restritos ao leito de um hospital de forma fria e solitária, quando tudo que queriam era estar no seu lar, em volta dos seus entes queridos e de toda história que construiu. Nota-se o morrer triste de muitos, pelo medo e despreparo dos profissionais e familiares sobre a morte. A verdadeira morte não é apavorante, é apenas o descanso do espírito\alma e o retorno da carne ao pó (BÍBLIA SAGRADA, 2005).

“Haverá em nós um elemento, um princípio que persista, depois da morte do corpo? Haverá qualquer coisa de nossa consciência, de nossa personalidade moral, de nossa inteligência, do nosso eu, que subsista a decomposição do invólucro material?” (DENIS, Léon. 1944).

O medo da morte está ligado à ideia de aniquilamento, de finalização do ser. Pouco tem se estudado sobre o pós morte, e menos ainda tem se observado a morte no sentido doloroso da palavra, em procedimentos invasivos realizados naqueles já sem vitalidade e ligados a aparelhos, não se ver a morte diante daqueles abandonados em Unidades de Terapia

Intensiva ou em casas geriátricas por suas famílias, não se observa a morte na frieza com que se trata os pacientes, na falta de calor humano no último sopro de pacientes que há tanto vêm lutando contra a dor, sendo a maior delas a sensação de uma morte solitária.

Durante praticamente toda minha vivência acadêmica na Graduação de Enfermagem, trabalhei como voluntário em um projeto social chamado Super Doutores em um hospital público. Durante a execução de ações lúdicas no setor de oncologia, percebi que precisava estudar sobre a morte e me preparar para lidar com aqueles que trilhavam rumo à liberdade do corpo carnal e também falta de preparo dos voluntários envolvidos no projeto, uma vez que a maioria era universitários, de diversas áreas da saúde e, de universidades diferentes. No decorrer das ações desenvolvidas no projeto, percebi também o despreparo em alguns integrantes da equipe profissional do serviço frente o processo de morte. Uns não sabiam abordar os familiares; outros se mostravam frios ou por acostumarem-se com a morte, tornando-se escasso o calor, o amor que balsamiza o momento de dor e luto; ou na maioria por medo, e mesmo aderirem a um método mecanicista e nada humanista de cuidar.

Neste sentido, surgiu a necessidade de realizar um estudo com o objetivo de discorrer sobre ressignificado da morte, como uma singela tentativa de dar luz a escuridão que se tem sobre o temor da morte.

Este estudo está enquadrado em modalidade de ensaio teórico, realizado de forma minuciosa, argumentativa e crítica reflexiva, segundo Meneghetti, (2011, p.321):

[..] no lugar do objetivo geral, dos objetivos específicos, da justificativa, da fundamentação teórica, da metodologia que define os critérios de coleta e análise de dados e da conclusão, no ensaio a orientação é dada não pela busca das respostas e afirmações verdadeiras, mas pelas perguntas que orientam os sujeitos para as reflexões mais profundas.

O trabalho está organizado na reflexão da morte e do morrer, uma análise a respeito da morte, que vai além da teoria biologista, e na premissa de que a morte não existe, uma avaliação a respeito da morte nos últimos anos e o ressignificado da morte embasada na vida e na reencarnação, considerando as seguintes dimensões: a morte e o passar dos anos, os profissionais de saúde frente à morte e o morrer, o morrer com dignidade, morte não existe: um olhar transcendental e breve passagem pela oncologia.

## DESENVOLVIMENTO

### A morte e o passar dos anos

A abordagem sobre morte a longo da história da humanidade, evidencia que desde a antiguidade, acreditava-se que morrer não significava a finitude e que havia uma vida pós-morte.

Em Abydos, foi criado o Templo de Osíris, destinado a revelar a existência da reencarnação. Abydos fica a 150 quilômetros ao norte de Tebas, última capital do Império Egípcio. O templo foi construído por volta do ano de 1,300 a.C, por Seti I e seu filho Ramsés II. Segundo a lenda egípcia, Seth e Nephtys simbolizam a força da escuridão que impulsionam o homem a materialidade, prazeres sensoriais e mobilidade da ignorância. Osíris e Isis representam a força da luz que impulsionam o homem à espiritualidade à harmonia, a avançar para aperfeiçoar a consciência, é o motor das reencarnações (MALKÚN, 2000).

Na idade média, o enfermo permanecia no seu lar durante todo seu processo de morte, tudo ocorria de forma natural e acolhedora. As mudanças no processo de morrer ficam mais evidentes no século XX com modificações sobre o significado da morte e o avanço da medicina e da tecnologia, sobre uma visão capitalista e focada em longevidade humana, passando então o processo de morte e morrer sob uma ótica hospitalar (SANTOS E MOREIRA, 2014).

A partir do século XX, a morte passa a ser hospitalar, deixando de ser um processo assistido por familiares e naturalmente esperado e compartilhado pela família, para ser fria e solitária, em sua maioria, um morrer tecnicista e sem calor humano (SANTOS E MOREIRA, 2014).

Anteriormente ao século XX, o processo de morrer envolvia ações de aproximação do divino, do sagrado, em ritos e mitos, a preocupação do homem que envolvia o moribundo de forma religiosa no seu processo de morte e morrer, entretanto a religiosidade deixou de ser representada, dando espaço a tecnologia e uma forma de morrer que mais parece desumana e solitária (NASCIMENTO E ROAZZI, 2007).

As mudanças no decorrer dos séculos frente à morte e o morrer, apesar de que não se estudava muito sobre a morte e existia um saber relativo sobre a mesma, havia pelo menos uma época em que morrer era mais humano e caloroso. Para Rodrigues (2006) a morte não era temida na idade média porque não a tinham como negação da vida, era fase necessária de complementação da vida em que todos deveriam passar. Ainda segundo o autor, passou-se a viver sobre a determinação capitalista de que felicidade e progresso são obtidos por uma visão

materialista de acúmulo, de conquista, neste contexto, a felicidade jamais esteve no conviver, o dia a dia, no milagre de estar vivo.

Assim, matamo-nos no sentido doloroso que muitos entendem por morte, matamo-nos na busca por acúmulo de posses e riquezas, na escravização de nós mesmos, nos vários vínculos empregatícios que nos submetemos e que nos sugam a vitalidade e nossa saúde e na tentativa de manter um padrão de vida aos olhos do capitalismo, perdemos o crescimento dos nossos filhos para lhes dar um padrão de vida que só o dinheiro pode dar, mas não percebemos que a falta de amor, de afeto pela nossa ausência no lar, adoce os nossos, vivendo ambos, uma vida vazia e solitária. Quantos não adquirem câncer pela somatização de estresse dos vários vínculos empregatícios que se tem? Quantos e quantos morrem para vida, sem encontrar sentido no viver, buscando a felicidade onde só existe uma falsa aparência de vida perfeita?

O prolongamento de nossa saúde, bem estar e estadia neste plano terrestre nunca esteve em viagens e roupas caras, mas na tranquilidade de saber viver, de conviver, logo muitos morrem em vida, por não entenderem que viver é totalmente contrário o que prega o capitalismo materialista, e então tememos a morte nos matando ao longo da vida.

Evidencia-se o distanciamento, cada dia mais forte, do envolvimento da família no processo de morte de seus entes. O medo, o pavor da morte lança os moribundos para um morrer triste e frio, em aparelhagens e entre paredes frias de um hospital, deixam a vista da janela do seu quarto, para olhar para o branco teto de um hospital.

Bezerra e Neves (2017) afirmam que o capitalismo fez a morte tornar-se um obstáculo, inimiga no cotidiano das pessoas. O corpo quando padece já não tem serventia. Em todos os setores da sociedade, a morte vem sendo negada, mesmo entre os profissionais de saúde que utilizam de eufemismos para falar sobre ela. Segundo Junior e Eltink, (2011),

muitos negam a morte e querem permanecer jovens, procuram de várias formas adiarem o inevitável, às vezes usam o que a medicina e a ciência oferecem, sem pensarem em valores ou mesmo nas consequências, pois o que importa é evitar o envelhecimento, permanecerem jovens, querem encontrar a fórmula da juventude e vida eterna independentemente de tudo.

## **Profissionais de Saúde frente à morte e o morrer**

Na contemporaneidade da visão capitalista e científica, a morte é uma lacuna, não fala sobre a morte, não se prepara sobre o morrer nas academias, nas escolas, evita-se falar sobre a morte. Nesta negação absoluta de se entender sobre o morrer, vivemos em uma sociedade que não se educa sobre um dos marcos mais forte da vida humana (SANTOS, 2012).

Santos e Moreira (2014) referem que os profissionais de saúde não se encontram preparados para lidar com a morte. Apesar do morrer constitui um processo bastante vivenciado na rotina do profissional de enfermagem, este ainda não sabe lidar com o processo, administrar seus sentimentos, suas emoções junto aos familiares, o senso de culpa pela cura inalcançada, lidar com a própria equipe pela vida que não conseguiu estabilizar, é um processo que gera frustração.

Barbosa e Massaroni (2016) relatam que para equipe de saúde é mais aceitável a morte de pacientes idosos, pelo fato de temporalidade, de que já viveram, cumpriram seu tempo, pela cultura de que a morte deve vir com o passar dos anos, perante a velhice. Ainda segundo as autoras, o enfrentamento da morte para a maioria dos profissionais se dá pela repressão de sentimentos, pelo achismo de diminuir a dor de quem está acompanhando o processo, tornando um cuidar frio, sem humanização, como também muitos atribuem o cuidado espiritualizado, cada um diante de suas crenças, expressão em preces e orações sua espiritualidade. O profissional para trabalhar no processo de morte e morrer deve estar integrado e disciplinado com situações de morte decorridas na sua própria vida cotidiana.

É de suma importância a educação sobre a morte. Nota-se o surgimento de especializações sobre cuidados paliativos, um novo rumo frente à morte e o morrer, uma ciência embasada em morrer com dignidade, com afeto e calor humano, sem se temer a morte, ou abandonar o moribundo, um novo cuidado embasado no amor e na extensão do ser, que não se restringe a matéria, uma educação para a vida sobre a morte como processo natural e etapa necessária (WHO, 2007; GOMES E OTHERO, 2016).

Segundo Bezerra e Neves (2017), o sentimento de fracasso se dá pela sensação de inutilidade de todo cuidado e assistência prestada ao paciente, uma vez que sua visão de cura está em salvar, prolongar a vida. Assim torna-se necessário que os profissionais de enfermagem bem como os das demais áreas da saúde parem de ver a morte como fracasso para a ciência e para o profissional.

## O morrer com dignidade

A morte constitui processo natural, parte da vida (WHO, 2007). Contudo, acreditava-se que o ocultamento da proximidade da morte contribuía para o bem-estar do paciente bem como, não permitir que ele participe ativamente de seu tratamento e da finalização da vida (KOVÁCS, 2018).

Ainda segundo Kovács, (2018), ao abordar o morrer com dignidade, deve-se pensar e planejar uma série de cuidados contínuos, tratamentos que visavam à cura, podem se tornar paliativos quando promovem alívio do sofrimento. Ao exemplo da quimioterapia que não objetiva mais combater o câncer, e sim diminuir o tumor que causa dor. A busca da dignidade é de inteira responsabilidade de cada pessoa, ao determinar seus valores e exercer sua autonomia, sendo de suma importância que o morrer seja propriedade do sujeito e não de terceiros. O final da vida é tempo de avaliação e auto descobrimento, o processo de morrer pode ser para família e paciente o momento de reaproximação e ampliação da consciência. A boa morte é uma construção pessoal, que envolve as dimensões e os valores da família.

A Organização Mundial de Saúde (WHO, 2007) considera cuidados Paliativos como:

[...] uma abordagem para melhoria da qualidade de vida de pacientes e familiares que enfrentem uma doença ameaçadora da vida, através da prevenção e do alívio do sofrimento, através da identificação precoce e impecável avaliação e tratamento da dor e outros problemas, físicos, psicossociais e espirituais.

Os cuidados paliativos promovem o alívio da dor e de outros sintomas, integrando diferentes formas de cuidar, oferecendo suporte para que os pacientes possam viver o mais ativamente possível e ajudando a família e cuidadores no processo de luto. A atenção paliativa envolve tanto a pessoa que está morrendo como aqueles que lhe são próximos, ou seja, familiares e cuidadores. O desafio provocado pelo luto é vivenciar a morte em vida. Pessoas com estreitos vínculos afetivos sentem como se uma parte delas morresse, em alguns casos cria-se um vazio em seu interior que pode ser suportável, porém, irreversível (FERNANDES, 2013).

Pessine (2018) refere que há um cansaço na cultura contemporânea no que diz respeito a medicina, que reduz o ser humano meramente à sua dimensão biológica orgânica e exemplifica, dizendo que esse cansaço gerou uma crise na medicina técnico-científica que favoreceu o nascimento do paradigma biopsicossocial e espiritual.

Os cuidados paliativos estão no cuidar de forma humanizada, pacientes terminais, idosos, pacientes com doenças degenerativas, é o cuidar sem cura, é o balsamo para o corpo, é a ponte que transita entre a finitude do corpo que padece sob os cuidados do medicamento

chamado alívio durante este processo de transição do morrer para a morte. Neste sentido, Tavares (2018), aponta em seu poema o manto, o amor como uma forma de cuidado:

E quando a dose já não fizer mais efeito,  
E o coração parar de responder,  
E pelos protocolos não houver mais jeito,  
E não restar mais nada o que fazer,  
E quando o possível já tiver sido feito,  
E o corpo já der sinais que vai morrer,  
E o coração bradicadizar dentro do peito,  
E a vida ir parecendo se perder,  
Então não seja aquele que desiste,  
Mesmo diante da morte iminente a vida existe,  
E se existe vida ainda há muito o que tentar,  
Por isso cobre com teu manto de amor a despedida,  
Como um último gestual de amor a vida  
Como a derradeira forma de cuidar



### **A morte não existe: um olhar transcendental**

Alguns autores relatam que quando o ser se descobri infinito, passa a aceitar e entender o outro como ser finito também, e por assim entender a morte como destino de todos e fase necessária. Parte-se da premissa que a morte é um processo natural humano, encerra um ciclo, outros dizem que além de um processo biológico é a morte um processo de transcendência espiritual (OLIVEIRA, 2016).

Assim é importante questionar sobre o que é a morte? A morte verdadeiramente, não a morte na ótica da teoria biologista nem na perspectiva de falência de órgãos e decomposição, pois quanto a este estado, percebe-se ainda um meio de transição ao estado de desintegração da carne, a matéria retorna a matéria.

Há 219 anos, Lavoisier disse-nos na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma, logo percebemos que nem mesmo a matéria se perde, se torna nada, aniquila-se, voltamos a ser moléculas, átomos, matéria fossilizada, retornamos ao estado natural da matéria nesta fase de desintegração (TERRA, 2018)..

Ao longo dos séculos, os povos sempre buscaram uma forma de entender a morte, de como ocorre essa transcendência entre corpo, alma e espírito. Na Bíblia Sagrada (2005) é referido que “todos vão para o mesmo lugar, todos procedem do pó e ao pó tornarão” (Ec 3: 20), no mesmo livro em seu capítulo 12:7; “e o pó volte á terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu”. Em Hb 12: 9; “além do mais, tínhamos nossos pais segundo a carne que nos corrigíamos e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao pai espiritual e, então viveremos?”

Hoje com o embasamento da ciência, sabe-se que o retorno ao pó, referido nas citações bíblicas, refere-se a matéria orgânica, ou seja, retorna-se ao processo de desintegração da matéria e ao estado natural de átomos, moléculas contidas de ferro, zinco, proteínas etc, integrando um todo que constitui o universo. A formação orgânica depende de todos esses nutrientes moleculares, que está em estado de evolução diferenciado de outras espécies (KARDEC, 2016).

Mas, deve existir algo que anima o orgânico (KARDEC, 2015, p. 75-76) como espírito, o princípio de inteligência que anima a matéria. Para Kardec (2015), os espíritos são individualizações do princípio inteligente, assim como o corpo é uma individualização do princípio material. De fato, é lógico e sábio a afirmativa, sem um espírito, um princípio inteligente que anime a matéria, haveria apenas carne, sem ação e reação, sentimentos. Vale lembrar que o cérebro é órgão, matéria também, parte essencial da maquinaria humana, no

qual ocorre um processo de sinapses e reconhecimento pelo hipotálamo e hipófise para que tudo funcione, o centro de comando por assim dizer (WINSTON, 2007). Contudo, existe atrelada a indumentária carnal uma inteligência que anima esses órgãos, sem este princípio que anima o corpo carnal o ser humano seria um amontoado de carne, feitos de moléculas, mas sem vida no sentido de emoções e sentimentos, inteligência, pois este advém do espírito que sobrevive a desintegração da carne e uma vez libertos da indumentaria carnal retornar ao espaço em formato menos grosseiro que a matéria orgânica, dotados de todo conhecimento adquirido ao longo de sua existência. Nota-se que ao retornar ao seu estado natural no processo de morte, o espírito retorna ao plano espiritual e a matéria retorna a matéria em seu estado primitivo.

Cabe mencionar a inquietação da ciência para entender as chagas da alma. É o espírito que adoce e muitas vezes é mais difícil de ser tratado que a aparelhagem orgânica. A Organização Mundial da Saúde, em 1948, conceituou saúde como “o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência da doença.” É a ciência em sua percepção de que somos seres holísticos, é o bem-estar mental e social, o estado de espírito em equilíbrio e não meramente o padecimento orgânico.

No livro do evangelho de Matheus (8: 22) “diz, replicou-lhe Jesus segue-me e deixa os mortos sepultar os seus próprios mortos” (BIBLIA SAGRADA, 2005). Fica claro neste versículo que todo aquele que acredita apenas na vida material está por si morto, morre-se porque se crer apenas no agora e no retorno do corpo ao pó. Acredita-se na ideia de que tudo se acaba, o ser se vai para sempre, deixa de existir. Há um ensinamento, que existe uma vida além dessa, e se padece pelo apego ao corpo, baseado na ideia de que a vida é somente agora e só existe aqui, então lamenta-se, surge a depressão, morrem-se de tristeza, de vazio, permanecendo em um luto sem fim.

O renascer após a morte, no sentido físico, é mencionado no livro do evangelho segundo João 3: 1-7:

havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, um dos principais dos judeus. Este de noite, foi ter com Jesus e lhe disse: Rabi, sabemos que és mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer esses sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. A isto respondeu Jesus; em verdade vos digo, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos; como pode um homem nascer, sendo velho? Pode por ventura, voltar ao ventre materno e nascer outra vez? Respondeu Jesus: em verdade, em verdade te digo quem não nascer da água e do espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do espírito é do espírito. Não te admires de eu te dizer importa-vos nascer de novo (BIBLIA SAGRADA, 2005).

Na Concepção de Kardec (2016, p, 23),

[...] há no homem um princípio inteligente a que se chama alma ou espírito, independente da matéria, e que lhe dá o senso moral e a faculdade de pensar. Se o pensamento fosse propriedade da matéria teríamos a matéria bruta a pensar. Ora, como ninguém nunca viu a matéria inerte dotada de aptidões intelectuais; como, quando o corpo morre, não mais pensa, é exato concluirmos que a alma independe da matéria e que os órgãos não passam de instrumentos com que o homem manifesta seu pensamento.

É importante destacar que a riqueza profunda de ensinamentos da vida após a morte, o que é nascido da carne é matéria e a mesma retorna e o que é nascido do espírito é do espírito, inteligência que anima a matéria, no que diz respeito a nascer de novo da água se dava pelo batismo, realizado na época de Jesus e notoriamente nos dias atuais, que tem uma significação de nova vida, por meio de novos atos e ações em volta da moral e bons costumes. Renascer no espírito é tomar nova carne, renascer novamente em uma nova individualidade, segundo a teoria reencarnacionista (KARDEC, 2015)

Experiências de quase morte evidencia a separação da matéria do espírito, conforme expresso:

muitas pessoas, quando submetidas a cirurgias, passam pela experiência de sair do corpo físico e podem, inclusive, observar o trabalho feito pelo cirurgião. Esse fato deveria ser do conhecimento de toda a equipe de profissionais que atua junto ao doente, para que só falasse junto a ele coisas que ele pudesse ouvir. É muito triste tudo que se diz na presença de pessoas inconscientes, já que, em geral, elas podem ouvir cada palavra. (KUBLER ROSS, 2007, p.14).

A Dra. Elisabeth Kubler Ross em seu livro “A morte um amanhecer”, descreve um dos primeiros relatos que ela colheu de seus pacientes, que passaram por experiência de quase morte:

neste exato momento percebeu que deixava o corpo, lenta e tranquilamente, pairando poucos centímetros a cima da cama. A sra. Schwars relatou-nos com enorme senso de humor que, ao “olhar para o próprio corpo”, este lhe pareceu pálido e macilento. Apesar de surpresa, não sentiu medo ou ansiedade. Contou-nos, então, que a equipe de salvamento do hospital entrou no quarto, descrevendo minuciosamente quem fora o primeiro e o último a entrar. Tinha plena consciência de toda palavra do que conversavam, de seu tipo de pensamento, e a única coisa que desejava era pedir-lhes que relaxassem, que ficassem calmos, que estava tudo bem. Porém, quanto mais se empenhava em fazê-lo, mais freneticamente eles pareciam trabalhar no seu corpo. Finalmente, deu-se conta de que, embora pudesse percebê-los, eles não a percebiam, e desistiu. Segundo suas palavras: “perdi a consciência.” Depois de quarenta e cinco minutos de tentativas infrutíferas de salvamento, foi declarada morta, mas, para a surpresa da equipe hospitalar, voltou a mostrar sinais de vida momentos depois. Viveu mais um ano e meio. Foi o que ela contou para mim e minha classe em um dos meus seminários (KUBLER ROSS, 2007, p. 60-61).

O número de casos de pacientes que descrevem suas experiências de quase morte vem aumentando em todo o mundo, e alguns profissionais como a Dra. Ross, vem registrando de

forma minuciosa tais relatos, como mais uma das forma de provar que a morte não existe e de como um paciente pode descrever, de forma tão sucinta e com tanta riqueza de detalhes, tudo o que acontecerá em seu momento de quase morte.

Por outro lado, há profissionais fazendo uso da hipnoterapia, como o Dr. Alberto Ribeiro de Almeida, a Terapeuta Alice Monteiro, o Dr. Brian Weiss, dentre outros. comprovando por meio de terapias de regressões de vidas passadas, lembranças de outras existências, vivências de tempos diferentes do atual.

Muitos profissionais psiquiatras e terapeutas tem feito uso das terapias de hipnose para curar traumas e bloqueios emocionais de seus pacientes. Ferrethi (2008, p.56-57) diz que

[...] as memórias evocadas em uma regressão a vidas passadas são um fenômeno ainda muito pouco estudado e compreendido. Sabemos que o que leva a ciência a avançar é o reconhecimento de nossas limitações e o enfrentamento dos desafios. A incerteza é o que nos move. Buscamos assim um avanço na compreensão deste fenômeno, como um possível passo para um novo paradigma.

Weiss (1998, p. 4) afirma que ao longo da história a humanidade sempre resistiu a mudanças e a aceitação de novas ideias, “os psiquiatras e terapeutas permanecem negando as evidências reunidas e consideráveis da sobrevivência da vida após a morte e sobre as memórias de vidas passadas”. Enfatiza o exemplo de Galileu quando descobriu as luas de Júpiter, mostrando-nos a recusa na época dos astrônomos e da sociedade, porque era a desconstrução de um saber e a afirmação e comprovação de outro.

Abordando a questão da reencarnação ao longo da história, o autor aponta que em muitas culturas, o tema era ignorado ou considerado heresia, conforme descrito abaixo:

em 325 d.C., o imperador romano Constantino, o Grande, juntamente com a sua mãe, Helena, mandou eliminar as referências á reencarnação que estavam contidas no Novo Testamento. O segundo concílio de Constantinopla, realizado em 553 d.C., confirmou esta atitude e considerou o conceito de reencarnação como uma heresia. Segundo parece, pensou-se que este conceito iria enfraquecer o poder crescente da Igreja, dando aos seres humanos demasiado tempo para buscarem a sua salvação. E, no entanto, as referências originais tinham existido; os primeiros padres da Igreja tinham aceite o conceito de reencarnação. Os gnósticos primitivos – Clemente de Alexandria, Orígenes, S. Jerónimo, e muitos outros – acreditavam que já tinham vivido antes e que voltariam a viver. (WEISS, 1998, p.11).

A terapia de vidas passadas busca, segundo Tendán, (1997 apud Ferrethi, 2008),

acessar o inconsciente profundo do sujeito, possibilitando a eliminação de sintomas e a dissolução de conflitos emocionais que prejudiquem o bem-estar e que interfiram de forma prejudicial na vida atual, mas que possam ser provenientes de traumas de vivências passadas.

É de suma importância que a usar a terapia de vivências passadas, os profissionais respeitem os limites de seus pacientes, trabalhando vagarosa e respeitosamente, uma vez que

as regressões podem acordar dores e sensações a muito adormecidas. Weeis (1998) em seu livro *Muitas vidas, Muitos mestres*, relata as seções de regressão de sua paciente Catherine, e mostra como seus traumas de outras vidas estavam intimamente ligadas aos de sua existência atual, como por exemplo, quando ela referia nesta vida sentir medo de morrer sufocada e refere em uma das seções que em uma de suas vidas morreu afogada, sua melhora clínica era alcançada, seus medos e suas ansiedades eram dissipadas, a qualidade de sua vida e relacionamentos melhoraram.

Tínhamos experimentado fragmentos ou partes principais de dez ou doze vidas e, ultimamente, tinham começado a repetir-se. Aparentemente não tinha necessidade de relembrar as restantes cerca de setenta e seis vidas. Não havia qualquer dúvida de que tinha de facto feito progressos notáveis, pelo menos segundo os meus padrões. Os progressos que ela fizesse a partir daqui, a partir deste ponto, poderiam não depender da recordação das suas vidas. (WEISS, 1998, p.69).

Contudo, cabe destacar que a terapia de vidas passadas é procedimento que deve ser realizado por profissional altamente qualificado e, observando a condição humana, no todo que lhe causa dor ou desconforto, respeitando seus limites como ser holístico.

As almas ou espíritos dos que aqui viveram constituem o mundo invisível que povoa o espaço e no meio do qual vivemos. Daí resulta que, desde que há homens, há espíritos e que, se estes últimos tem o poder de se manifestar, devem ter tido essa mesma capacidade em todas as épocas. É o que a história e as religiões de todos os povos comprovam... vivendo o mundo visível em meio do mundo invisível, com o qual se acha em contato perpetuo, segue-se que eles reagem incessantemente um sobre o outro, reação que constitui a origem de uma imensidade de fenômenos, que foram considerados sobrenaturais, por sua causa ser desconhecida. A ação do mundo invisível sobre o mundo visível e vice-versa é uma das leis, uma das forças da natureza, tão necessária a harmonia universal quanto a lei de atração... Evidentemente que, como semelhante ação vem de uma lei da natureza, os fenômenos que ela opera não são sobrenaturais. Pareciam assim porque a causa que os produzia era desconhecida. O mesmo se deu com alguns efeitos da eletricidade, da luz etc. (KARDEC. 2016, p, 28).

Parte-se do pressuposto que os fenômenos espíritas são de ordem natural elementar da natureza, e claramente Kardec (2016) mostra que não há nada de sobrenatural, mas que cada ação tem fundamentação lógica na ciência, exemplifica ao citar a eletricidade, que não pode ser vistas, mas ela é matéria dotada de força e com função primordial na natureza. Assim sente-se os ventos em nossa pele, na brisa que passa, mas ele não pode ser visualizado e assim são várias forças da natureza agindo no anonimato. Tal como o descobrimento por Alexander Fleming da penicilina através de uma substância em meio a um fungo, e de uma série de microrganismos que vieram a ser descobertos por auxílio do microscópio, e que por muito tempo vinham sendo negados como existentes, espera-se que também seja comprovada pela

ciência a existência da vida após a morte e com ela uma série de novos conhecimentos para construção de um novo mundo.

### Breve passagem pela oncologia

Atuando como voluntário em um projeto social, chamado Super Doutores (CARVALHO E COSTA *et al*, 2018) desenvolvíamos ações em vários setores de um Hospital Público, em sua maioria no setor oncológico. Semelhantes a muitos, tive um choque ao chegar à oncologia, dotada em sua maioria por crianças. Eu estava no meu 2º período do curso de enfermagem e ainda não tinha passado por uma realidade que envolve tanto a dor, a morte e o luto, emocionei-me logo no início, e muitos, que tinham acabado de entrar no projeto também, percebi que o despreparo não era só meu, era também de colegas de outras instituições, de áreas diversas e de períodos diferentes..

Percebi que nos diversos cursos de graduação, o ensino era pobre quanto a morte e o morrer, hoje percebo que todos os setores são pobres no assunto, não nos preparam para o cuidar, sem cura.

Preparávamos, de forma lúdica, ações e brincadeiras, na tentativa de levar um pouco de vida aqueles enfermos tão castigados pela dor causada pelo câncer, muitas vezes chegávamos e muitos choravam desesperados com dores abdominais, com medo as vezes dos profissionais que para não sofrerem, tornaram um cuidar frio como capa protetora por não serem preparados para lidar com a morte, o fato é que hoje percebo que a humanidade não se prepara para entender o que verdadeiramente significa a morte, o senso capitalista tem cegado as pessoas sobre o que realmente importa, sobre o que realmente é a vida (RODRIGUES,2006).

Iniciarei esta trajetória falando de J.M.C, 10 meses de idade, um bebe que começou andar em cima de um leito hospitalar, que deu a honra e alegria a mim e sua mãe de ver seus primeiros dentinhos nascerem durante a internação hospitalar. Quando olhei aqueles olhos de jabuticaba, foi amor a primeira vista, eu me lamentava tanto da vida, por meus problemas, minhas cicatrizes, não enxergava a vida, ela passava, escorria por minhas mãos, mas ali, onde muitos partem, ganhei novamente vida. Percebi que meus problemas, minhas feridas podiam ser curadas. Ao ver aqueles pequenos guerreiros tão fortes que senti vergonha, quantas vezes cheguei e o pequeno J.M.C estava febril e gemendo de dores, eu mesmo o pegava no colo, mesmo sendo contra vontade da equipe por muitas vezes. Eu o segurava e tentava conter as lágrimas lhe passando amor e coragem, e ele me presenteava com um sorriso, sentindo tanta dor e ele me sorria, e o que eu tinha a fazer era apenas chorar, mas mostrar que estava ali, que

o amava e ele não estava só, Sua mãe tão forte e destemida, saía para chorar, quantas vezes nos abraçávamos e o silêncio por si falava o que da boca não saía, então fui descobrindo a vida onde já mais pensei existir.

Os seus pais eram envolvidos em muitas brincadeiras para que eles também fossem trabalhados. É árdua a vida de quem se encontra confinado ao quarto de um hospital, por quinzenas ou meses, levávamos dança, balões. Fazíamos preces e orações, e ali todos formávamos um só corpo chamado caridade. Vi muitos deles aos gritos de dores serem paliativados com amor, musica, beijos e tudo que se tem em um coração amoroso.

Foi ali que fiz amizade com o querido R.S.F – Sexo masculino, 9 anos. Tinha olhos puxadinhos e adorava jogar vídeo game em seu tablet, mas não admitia perder. Brincávamos por horas, esquecíamos que estávamos em um hospital, eu esquecia de minhas dores e ele não sentia as suas, sua mãe saía para respirar um pouco e ele confiava em mim, porque havia entre nós um elo de amor, aquelas famílias me adotaram e eu ganhei novos irmãos.

Lembro-me também de D.P.L – Sexo masculino, 10 anos. Eu tirava ele de seu leito para que brincasse com R.S.F, era uma forma que eu tinha de aproxima-los, afinal partilhavam do mesmo ar, do mesmo quarto e porque não quebrar essa figura de isolamento quando se tem a oportunidade, afinal os dois adoravam jogar futebol virtualmente já que não podiam momentaneamente.

Foram tantos os momentos e aprendizados, tantos sorrisos. Lembro-me do querido F.L.D – Sexo masculino, 12 anos, ensinava-me a fazer origamis e sempre me dava broncas porque segundo o mesmo eu era lerdo, mas ficava triste quando eu tinha que ir embora, então me enrolava falando dos pássaros que seu irmão pegava para ele para quando ele chegasse em casa, e restava a mim escutar aquele pequeno homem e sentir que minha presença o acalmava e de certa forma o acalentava.

Depois dessa experiência, percebi nascer em mim uma vontade enorme de viver, ela estava me ensinando a viver, a ganhar sopro e todas as vezes que eu saía, eu me entristecia de saudades, ali me senti útil, dando-lhes amor, e o único remédio para muitos momentos e dores, eu os ouvia e os entendia, percebi que minha mocidade não podia ficar sendo jogada fora apenas em festas e futilidades, existia trabalho a ser feito, estava engatinhando para vida, a verdadeira vida. Esse foi o pôr do sol mais lindo de todas as páginas do livro da minha vida, quando esse sol me tocou, tudo ganhou vida, tudo fez sentido.

No 3º período de minha graduação, eu e minha turma tivemos o privilégio de pagar a cadeira Processo de Cuidar na Morte e Luto, onde ouvi pela primeira vez falar sobre a Dr. Elizabeth Kubler Ross, e seus belos ensinamentos sobre a morte e processo de morrer, e então fomos preparados para entender esse processo crucial na vida humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao discorrer sobre ressignificado da morte, foi possível perceber que a morte está em seu sentido doloroso, no tecnicismo frio e solitário prestado perante a morte e o morrer pelos profissionais aos seus pacientes tristes e amedrontados, no capitalismo materialista, que escraviza e torna o viver mórbido. A morte existe em diversas formas, sobre outros ressignificados, mas jamais no sentido de aniquilação do ser e de sua individualidade.

A ciência prova, a cada dia, ainda que de forma incipiente, a existência da vida após a morte. Assim, considero que morrer é como renascer, para aqueles que passaram por esta vida deixando o melhor de si. Há um oceano de existências em cada um de nós e temos a escolha de continuarmos sendo apenas almas perdidas, nadando em um aquário, vida após vida ou optar pelo horizonte na mudança e construção de um novo tempo.

Por fim, espera-se com este ensaio teórico sobre o ressignificado da morte contribuir com um singelo documento, escrito na tentativa de instruir as pessoas a não temer o processo de morrer e morte, por que morrer é renascer!

### ABSTRACT

This work was built under a vision of death based on life, on knowing how to live, a attempt to show death on another angle, under a new beginning, not of annihilation, but of continuity, since we are spiritual beings in a human adventure on earth. It is noticed that there is an unpreparedness of the health professionals and of the society on the death and the dying. Death has been misinterpreted and talking about it is still a great taboo. It is noted that there is little training of professionals, particularly health professionals, in the academies to deal with death. A theoretical essay was elaborated with the purpose of discussing the resignification of death, as a simple attempt to give light to the darkness that one has on the fear of death. The following dimensions were addressed: death and passing of the years, health professionals facing death and dying, dying with dignity, death does not exist: a transcendental look and a brief passage through oncology. It was possible to perceive that death in its painful sense exists for those who allow themselves to be robotized by materialistic capitalism. Life remains beautiful and beautiful as it has always been for those who know how to live. But living in abundance means giving charity to one's neighbor is to plant the seed of love and forgiveness for a better world, starting with each one of us and branching out into the way we treat our patients.

**Key words:** Death. Palliative care. Spiritualism. Social Behavior



## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, L. M.; NEVES, R. C. De Moiras a Tânatos: Considerações a respeito da morte e do morrer para os profissionais de enfermagem. **INTERESPAÇO Revista de geografia e interdisciplinaridade**, V. 3, N. 9, P. 27-48, Mai\Ago, 2017. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/interespaço/article/viewFile/7708/4706>  
Acesso em: 13/06/2018
- BIBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia Sagrada**. Contendo o Antigo e o Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri- São Paulo, Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.
- BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS. Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS-WHO). Universidade de São Paulo-USP. 1946 (Disponível em: <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundialda-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>)  
Acesso em: 20/08/2018.
- BARBOSA, Carvalho, Guimarães, Monteiro, Alessandra; MASSARONI, Leila. Convivendo com a Morte e o Morrer. **Rev. De Enfermagem UFPE on line**, v.10, n.2, p.457-463, fev, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/10977>  
Acesso em: 15/06/18.
- CARVALHO, , B. S. P; COSTA, R. G. B. *et al.* Projeto Social: Super Doutores. 2018.
- DENIS, Léon. **O Além e a Sobrevivência do Ser**. 8ª Ed por Federação Espírita Brasileira, Brasília – DF, Brasil 1944.
- FERNANDES, M. A. et al. Percepção dos Enfermeiros Sobre o Significado dos Cuidados Paliativos em Pacientes com Câncer Terminal. **Ciência e Saúde coletiva**, v.18, n.9, p.2589-2596, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232013000900013&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141381232013000900013&script=sci_abstract&tlng=pt)>  
Acesso em: 10/08/2018.
- FERRETHI, R. E. P. **Neurociências. Hipnose e Vidas passadas**. Monografia (especialização), Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUBD-99XQZT>>.  
Acesso em: 05/09/2018.
- FUKUMITSU, Karina, Okajima (Organizadora). **Vida, Morte e Luto: Atualidades Brasileiras**. 1ª Ed, São Paulo- SP. Sumus Editorial, 2018.
- GOMES, A. L. Z.; OTHERO, M. B.. Cuidados paliativos. **Estud. av.**, São Paulo, v.30, n.88, p.155-166, 2016. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-) > Acesso em 20 Out. de 2018.
- JUNIOR, L.; ELTINK, C. F.. A visão do graduando de enfermagem perante a morte do paciente. **J Health Sci Inst**. V.29 N.3 p.176-82, 2011.
- KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. 10ª Ed. São Paulo: Editora Boa Nova, 2015.

KARDEC, Allan. **Obras Póstumas**. Adaptada por Louis Neilmoris, Ed. Digital. Dezembro 2016.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **A morte: um amanhecer**. 6ª Ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

KOVACS, Maria, Julia. Morte com dignidade. IN. FUKUMITSU, Karina, Okajima (Organizadora). **Vida, Morte e Luto: Atualidades Brasileiras**. 1ª Ed, São Paulo- SP. Sumus Editorial, 2018.

PESSINI, Leo. Espiritualidade, Finitude Humana, Medicina e Cuidados Paliativos. IN. FUKUMITSU, Karina, Okajima (Organizadora). **Vida, Morte e Luto: Atualidades Brasileiras**. 1ª Ed, São Paulo- SP. Sumus Editorial, 2018.

MALKÚN, Fernando. **EL Ojo de Hórus**. Produção: Arcobaque Haus/ Canal Infinito. Ano de Lançamento: 2000. Disponível em:

<[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=27220&v=HzKuT8GpB5M](https://www.youtube.com/watch?time_continue=27220&v=HzKuT8GpB5M)> Acesso em 15/07/2018.

NASCIMENTO, A. M.; ROAZZI, A. A estrutura da Representação Social da Morte na Interface com as Religiosidades em Equipes Multiprofissionais de Saúde. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, Vol. 20, Núm. 3, 2007. P.435-443. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000300011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722007000300011&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 15\06\2018.

MENEGHETTI, Kanashiro Francis. O que é um Ensaio – Teórico? **Rev. Adm. Contemp.** v. 15, n.2, pp.320-332, Mar\Abr, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-65552011000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552011000200010)> Acesso em: 10/09/2018.

OLIVEIRA, Edjaclécio Silva *et al.* O Processo de Morte e Morrer na Percepção de Acadêmicos de Enfermagem. **Revista de enf, UFPE online**, Vol. 10 n. 5 p.1709-1716, Maio, 2016.

Disponível em: <

[http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&next\\_Action=lnk&exprSearch=29654&indexSearch=ID](http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&next_Action=lnk&exprSearch=29654&indexSearch=ID)> Acesso em 17\06\2018.

RODRIGUES, Jose Carlos. **Tabu da morte**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SANTOS, Rodrigo Oliveira. As Religiões e Educação para a Morte na Contemporaneidade: Diálogos e interseções. In: Congresso Internacional da Faculdade EST, São Leopoldo, Vol. 1, p.197-207, 2012. **Anais eletrônicos**. Minas Gerais-São Leopoldo, 2012. Disponível em: <<http://www.anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/146>>. Acessado em 15\06\2018.

SANTOS, R. A; MOREIRA, M. C. N. Resiliência e morte: O Profissional de Enfermagem Frente ao Cuidado de Crianças e Adolescentes no Processo de Finitude da Vida. **Ciência e Saúde coletiva**, p.4871-4878, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<[https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v19n12/pt\\_1413-8123-csc-19-12-04869.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v19n12/pt_1413-8123-csc-19-12-04869.pdf)> Acesso em 15/06/2018.

TAVARES, Alberto Luis Mussa. **O Manto**. 2017. Disponível em: <<http://www.vercompalavras.com.br/blog/cuidar-cuidado-afeto-manto-de-amor-a-despedida-deregina>>. Acesso em 18/09/2018.

TERRA, "Nada se cria, tudo se transforma"; há 219 anos, Lavoisier era guillotinado. Disponível em: <<https://www.terra.com.br>>. Acesso em 15 de jul. de 2018.

WEISS, L. Brian. **Muitas Vidas, Muitos Mestres**. 6ª Ed. Lisboa – Portugal: Editora Pergaminho, 1998.

WINSTON, Robert. **O livro do corpo humano**. 2ª Ed. São Paulo, Ciranda cultural editora, 2007.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Palliative Care*. Cancer control: knowledge into action: WHO guide for effective programs. Module 05. Genève, 2007.

